

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

**ANA PAULA LOPES DA SILVA**

**NAÇÃO E IDENTIDADE: A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO  
ANGOLANA EM PEPETELA. (1980 a 1997).**

URUAÇU, NOVEMBRO DE 2012.

**ANA PAULA LOPES DA SILVA**

**NAÇÃO E IDENTIDADE: A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO  
ANGOLANA EM PEPETELA, (1980 a 1997).**

Monografia apresentada a  
Universidade Estadual de Goiás,  
Unidade Universitária de Uruaçu, no  
curso de Licenciatura Plena em  
História, sob a orientação do  
professor Neilson Silva Mendes.

URUAÇU-GO, NOVEMBRO DE 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**

**AUTOR: ANA PAULA LOPES DA SILVA**

**TÍTULO: NAÇÃO E IDENTIDADE: A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO  
ANGOLANA EM PEPETELA, (1980 a 1997).**

DATA DE Apresentação: \_\_\_\_\_ DE NOVEMBRO DE 2012.

Avaliação: \_\_\_\_\_.

**ORIENTADOR: NEILSON SILVA MENDES**

**ARGUIDORES: RENATO FAGUNDES PEREIRA.**

URUAÇU-GO, NOVEMBRO DE 2012.

*PARA:*

*NAIR, ROZILDA, JOSÉ ROBERTO, MARIA APARECIDA E EM  
MEMÓRIA DE MEU PAI HENRIQUE PEREIRA LOPES. COM  
AMOR E GRATIDÃO.*

Tive sempre gosto pela história. Não a quero, porém, para saber datas, estudar vidas de príncipes e personagens ilustres, e aprender o número das guerras e combate que se pelejaram. Prefiro a que examina a fundo a sociedade inteira, que desde da cúpula elevada até o humilde chão do povo miúdo, discriminando as escalas e camadas pelas quais se derrama a nação, e o sentir, o sofrer, o gozar e o aspirar de cada um dos súditos. Agrada-me mais a que desenha os traços da administração pública, no mais largo sentido desta palavra, social, política, civil e econômica. Assim compreende a história o povo e a nação toda, e apresenta de perfil, de face, no corpo, na alma e no espírito. A figura-se-me então a história como o mais moralizado, instrutivo, agradável e sublime dos ramos literários.

Pereira da Silva.

### **Agradecimento Especial.**

Agradeço a todos os professores que me acompanharam durante a jornada da graduação, em especial ao Professor Neilson Mendes que soube me nortear para a realização deste trabalho. A banca pela disponibilidade da leitura. Aos meus amigos Lilia, Ellen Cássia, Vinicius, Keila José Alves, Tatiane Carvalho e ao Claudinei, que sempre estiveram presentes nessa jornada.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I: Literatura e Nação: a identidade nacional angolana em Pepetela.</b>	<b>12</b>
<b>I.I Literatura como fonte histórica</b>	<b>12</b>
<b>I.II Em busca de um sentimento nacional</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II: Nação e Identidade: a busca da construção da nação angolana em pepetela, (1980 a 1997).</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>50</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>52</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem por finalidade discutir algumas das obras de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, a partir das quais pretendo abordar como em suas literaturas esse romancista indica a construção da nação angolana.

Expondo uma consideração da relação entre História e Literatura. Considerando como os historiadores podem trabalhar a literatura como fonte histórica. Os romances do escritor angolano Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (conhecido como Pepetela) serão considerados documentos sociais, porque são obras fictícias, mas que foram produzidas no momento da vivência do escritor, que participava ativamente das lutas, sendo um militante, no momento político em questão, no caso a busca pela independência angolana.

Angola, país africano, foi povoada pelos portugueses nas últimas décadas do século XV e permaneceu como sua colônia até a independência em 1975. O primeiro europeu a alcançar Angola foi o explorador português Diogo Cão, que desembarcou na foz do Rio Congo em 1483. Em 1490, os portugueses enviaram uma pequena frota de navios com padres, trabalhadores e ferramentas para o Rei do Congo.

Em breve espaço de ocupação o comércio de escravos levou à deterioração das relações de Portugal com o Rei Afonso e os seus sucessores, e revoltas internas levaram ao declínio do Reino do Congo. Entretanto, os portugueses expandiram os seus contatos para o sul ao longo da costa, fundando Luanda em 1576. O comércio de escravos continuou até por volta da metade do século XIX, com Angola servindo como a maior fonte de mão de obra para as plantações brasileiras.

Descontentes com o governo português, os angolanos começaram a lutar pela independência, iniciando a guerra contra Portugal em 1961. Em Janeiro de 1975 foi estabelecido um governo de transição, com representantes do Movimento de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA), A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), e o governo português.

Contudo, os violentos combates entre o MPLA e FNLA em Março de 1975 resultaram nas várias “diferenças políticas” que continuaram no país. Na segunda metade de 1975 o controle de Angola estava dividido pelos três maiores grupos nacionalista, cada um dos quais ajudados por potências estrangeiras. O MPLA, que tinha tomado o controle

da Capital, era apoiado pela União Soviética e Cuba, a FNLA pelo Zaire e potências Ocidentais (com os Estados Unidos) enquanto a UNITA era apoiada pelas forças Sul Africanas. A FNLA e a UNITA formaram uma frente unida para combater o MPLA. O Governo Português proclamou a Independência de Angola em 11 de Novembro de 1975, transferindo a soberania para o povo angolano. “Conflitos causados pela Guerra Fria”.

O MPLA proclamou a República Popular de Angola e estabeleceu o governo em Luanda, com a Presidência entregue ao líder do movimento, Dr. Agostinho Neto. Logo depois o país entra em uma sangrenta guerra civil com a FNLA e a UNITA que durou até 1991, quando cai o regime unipartidarista<sup>1</sup>. Em Portugal, a guerra colonial já estava a muito tempo sendo contestada pela população. O fim da guerra com Angola terminará com um golpe de Estado militar em Portugal e a Revolução dos Cravos em 1975. A <sup>2</sup>língua oficial do país é o português, mas também algumas línguas africanas são reconhecidas como línguas nacionais, como o ucôkwe, o kikongo, o kikumdo, o umbundu, o nguanguela, o ukwanyama e algumas outras mais, além inúmeros dialetos.

As obras do escritor literário angolano Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos não podem ser caracterizadas unicamente por refletir os problemas da época na qual foram escritas. Esse escritor é um intelectual que possui consciência da importância de suas obras. Aborda temáticas variadas mostrando que Angola possui sérios conflitos, mas seus indivíduos precisam de uma consciência crítica, buscando uma identidade nacional.

Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, ou simplesmente Pepetela, é natural de Benguela, região sul de Angola. Nasce em 29 de outubro de 1941. Apesar de ser angolano, iniciou a carreira universitária em Lisboa, capital portuguesa. Iniciou então no Instituto Superior Técnico (engenharia), mas logo mudou para o curso de Letras. Foi obrigado a abandoná-la, porém, pela sua simpatia e participação direta no Movimento de Independência de seu país. Esta ação acabou causando uma série de complicações, que foram determinantes para sua fuga de Portugal. Pepetela buscou então refúgio na França, onde optou por estudar Sociologia. Durante seu exílio, aproximou-se do MPLA (Movimento para Libertação de Angola).

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site [HTTP:// WWW. Terrasdeveracruz.Freewebspages.org/angola. htm](http://www.terrasdeveracruz.freewebspages.org/angola.htm). Acessado em, 08\08\2011. Às 16: 49.00 hs.

<sup>2</sup> Informações retiradas do site [HTTP\ WWW. ORG. Línguas de Angola](http://www.org.linguasdeangola.org). Acessado em, 24\10\2012. Às 17:30 hs.

Como integrante do movimento atuou como combatente em Angola na década de 70, defendendo os ideais de sua geração. Foi professor na capital, além de atuar no governo pós- independência, onde ocupou o cargo de vice-ministro da Educação. Atualmente sua vida é dedicada à literatura.

Sua carreira literária iniciou-se na juventude onde começa a expressar seus ideais. Em entrevista a Carlos Serrano em 1985 podemos conhecê-lo por suas próprias palavras:

...Na época não tinha publicado nada, só alguns contos de juventude, mais nada... Então *Mayombe* antecede as *Aventuras de Ngunga*? Sim, antecede. Escrito em Cabinda em 71. Pensado em 70 mas escrito em 71. *Ngunga* foi escrito em 1972 na Frente Leste. Da mesma maneira, *Ngunga* também tem este tipo de preocupações. Mas tinha outro objetivo, já era para ser publicado. Não como livro, mas como folhas, na escola. Aí talvez se veja melhor, já há uma preocupação didática. A questão da linguagem já é muito mais cuidada para ser entendida por crianças. [...] Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as ideias passavam as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, interessar-se-iam porque era uma obra de ficção, complementava, digamos, o texto político que estavam acostumados a ler. ( SERRANO, 2012. Apud. PEPETELA, 1985.).

Apartir de então dedicou-se plenamente aos romances, realizando constantes publicações, sendo consagrado mundialmente, com importantes prêmios internacionais. Suas obras sempre retratam tanto o individual quanto o social, o poder e a exploração do homem pelo próprio homem são temas comuns em seus romances. Quanto aos personagens masculinas, seus protagonistas expressam em seus romances uma desilusão: são sábios, mas descrentes com o futuro, lutaram muito na vida, mas se desiludiram, mostram-se cheios de dúvidas, nem por isso, porem, deixam de ter sabedorias.

As personagens femininas são sempre retratadas como guerreiras, que se tornaram importantes para resolve os conflitos, sejam eles de ordem individual ou social. Confiantes, não deixam se tornarem submissas, tendo controle sobre suas vidas. Na maioria dos diálogos suas narrativas usam o narrador em primeira pessoa, possibilitando o dialogo com o leitor e se aproximando mais da oralidade, tão importante para os países africanos.

Para discutir literatura como fonte histórica, usarei as reflexões de Sandra Jatahy Pesavento, em *História e História Cultural* e Kátia Maria Abud, *Coleção Ideias em Ação; Ensino de História*. Conceituando nação conto com a contribuição do historiador Benedict

Anderson, em seu livro *Comunidades Imaginadas* e Eric J. Hobsbawm, *Nações e Nacionalismo: desde 1780*. Que acredito serem alguns dos melhores que pesquisam sobre o assunto. Para análise usarei os seguintes documentos de Pepetela: *A Geração da Utopia*, *Mayombe*, *LUEJI: o nascimento dum Império*, *Yaka*, *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*.

Em História ocorreu um grande debate entre os teóricos se essa disciplina seria uma ciência ou não. Após grandes embates desses, atualmente podemos afirmar que a História é uma ciência. Sendo uma ciência, essa disciplina diverge sobre as escolas teórico-metodológicas que evidenciam na escolha dos documentos que seriam usados na pesquisa histórica, determinando a escolha dos documentos utilizados para elaborar sentido ao objeto. A ampliação dos documentos históricos e o surgimento da Literatura como fonte, se tornou possível com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique Et Sociale*. Por Lucien Febvre e Marc Bloch.

No primeiro capítulo abordarei uma consideração de como o historiador pode trabalhar a Literatura como fonte histórica, discutindo a relação entre Literatura e História. Através das obras literárias, podemos perceber as relações sociais criadas pelo autor através de suas experiências da sociedade e sua cultura no interior dos escritos. Pretendo também conceituar nação, para uma melhor análise das obras de Pepetela. Refletindo como a nação se tornou fonte de identidade das sociedades modernas.

No segundo capítulo, o questionamento central desta pesquisa gira em torno de como em suas obras Pepetela narra a busca pela construção da nação angolana. Pepetela em seus romances constrói sua versão da nação angolana. Nas considerações finais tentei buscar e reunir as principais ideias que procurei construir ao longo do texto.

## CAPÍTULO I

### Literatura e Nação: a identidade nacional angolana em Pepetela.

*A literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem.*

Louis Aragon.

*“Admito, com sinceridade, que, ao formular minhas propostas, fui guiado por juízos de valor, por algumas predileções de ordem pessoal. Mas espero que as propostas se tornem aceitáveis para que os apreciem não só o rigor lógico mas também a ausência de dogmatismos; para os que se importam com as aplicações práticas mas se interessam ainda mais pelas aventuras da ciência, pelas descobertas que, uma após a outra, nos acareiam com nova e inesperadas perguntas, obrigando-nos a tentar encontrar respostas novas e insuspeitas.”*

*(KARL POPPER. A lógica da Pesquisa Científica)*

#### 1.1 Literatura como fonte histórica

A literatura anterior ao século XIX era a arte e o saber dos letrados. Desde o início do século XX ela passa a ser a atividade de quem escreve. Assim, ela torna-se objeto, passando a ser a atividade do escritor. A literatura se divide em gêneros alguns deles são os poéticos, épicos, contos e as crônicas, entre outros.

O historiador para fazer da História a ciência do homem no tempo, utiliza os documentos, assim, a Literatura será aqui considerada fonte histórica. Os romances de Pepetela serão considerados documentos sociais. Usando a literatura o historiador pode analisar a organização social, observando os costumes, religião, as identidades culturais da nação, refletindo a literatura e sua relação com a História, assim, o romance será analisado como um documento social. Procura-se refletir como Pepetela, em suas obras busca construir a ideia da nação angolana, sendo assim, o romance será considerado como um espelho da sociedade. Kátia Maria Abud salienta que:

Ao longo do século XX, o desenvolvimento da historiografia provocou uma ruptura na idealização da narrativa linear da História e na pretensão de

neutralidade existente no discurso positivista. Esse rompimento contribuiu para classificar a ideia de que, na contemporaneidade, o que importa para a História “não é o real, mas o inteligível, isto é, as formas de se entender esse real” (LEITE, 1997, p. 84). Esse percurso abriu espaço para a transformação ideológica na gênese das narrativas históricas, ou seja, permitiu a assunção de uma pluralidade narrativa que contemplou grupos que, até então, não tinham voz no cenário histórico por estarem alijados da denominada história dos vencedores, produto da linearidade histórica progressista do positivismo. (ABUD, 2010. p.44, 45.).

A Literatura é investigada pelos historiadores como fonte, transforma-se em documento passando a responder as perguntas que o historiador formula. A literatura possibilita investigar quais os valores que a sociedade analisada possui em determinado período histórico, sendo utilizada também para analisar o imaginário dos indivíduos (PESAVENTO, 2008.). A literatura é usada pelo historiador a partir do escritor e o período da obra, não sendo analisado o “tempo da narrativa”, porque o historiador procura nas obras pistas de como aquela sociedade se comportava em determinada época, seus conflitos e sonhos. Abud afirma que com o uso da literatura:

È possível desvelar aspectos da mentalidade de uma época que nem sempre são escritos de um caráter historiográfico. Por meio do estudo da História com base em documentos literários é possível resgatar, por exemplo, elementos da história de grupos excluídos, aqueles que não puderam se expressar em sua sociedade num determinado período. Nesse sentido a Literatura permite, mesmo por meio de narrativas recheadas de ficção, o diálogo com o pensamento humano no tempo. Com pensamentos que se apresentam nas entrelinhas dos escritos literários e podem ser resgatados e analisados conjuntamente formando a mentalidade de uma época. (ABUD, 2010. p. 55).

As obras literárias conseguem narrar quais os valores da sociedade, seus comportamentos, permitindo ao historiador ter acesso a uma realidade que faria parte da época retratada. Porque o escritor em algumas vezes está comprometido em explorar os valores sociais e individuais de sua sociedade, através de suas obras fictícias, como é o caso de *Pepetela*.

A Literatura permite verificar informações do contexto no qual ocorre a trama, sendo possível observar os conflitos expressos da vida civil e religiosa da sociedade. A literatura é analisada como documento de uma determinada época, onde o “autor” que pertence ao contexto histórico e, portanto portador de concepções e valores sejam eles culturais ou políticas. ( PESAVENTO, 2008.).

O historiador escolhe um tema e formula algumas hipóteses sobre suas dúvidas, com objetivo de responder as suas indagações ele utiliza as obras literárias, que se tornam documentos sociais. Para fazer essas afirmações foi necessário que o historiador pesquisasse selecionando as obras para encontrar uma que pudesse oferecer significados e explicações do tempo e dos fatos analisados. (PESAVENTO, 2008.).

A História busca na Literatura respostas para suas indagações, então a Literatura funciona como fonte se transformando em documento. O romance representa o mundo vivenciado e idealizado pelo autor. O historiador deve saber ler nas entrelinhas o que o narrador escreveu. Pesavento observa que:

Neste cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam. (PESAVENTO, 2008. p. 113).

Nesse sentido a literatura pode possibilitar ao historiador observar alguns dos valores e sonhos de uma comunidade. Através dela o historiador consegue ter acesso as sensibilidades da época na qual a obra foi escrita. Os historiadores procuram as explicações nos documentos históricos. A obra literária cumpre este papel porque consegue expressar a cultura, o tempo e as relações sociais criadas pelo escritor. Como afirma Abud:

Ao utilizar a Literatura como fonte, a História não está preocupada em investigar se a representação de passado criada pelo escritor confere com a historiografia ( mesmo porque não é essa a intenção do literato), também não se inclina somente a colher informações históricas do romance ou do conto narrado; antes, seu interesse é pelo tempo do escrito, dirige sua primordial atenção ao objetivo de desvelar a mentalidade de uma época.(ABUD, 2010. p. 46.)

O uso da literatura como fonte histórica implica ao historiador a utilização de uma prática reflexiva, usando regras científicas. O historiador deve ter a preocupação de uma análise crítica ao documento, tendo uma noção de tempo e de espaço. Assim, etende-se que não existem simplesmente “fatos históricos” e sim as indagações que constroem o objeto histórico, buscando um recorte, limitando e especificando o problema, como afirma Abud:

Essa transformação da construção narrativa da História revelou a face ideológica da historiografia ao mostrar que o discurso do historiador não é neutro, mas, antes, está revestido de um pensamento que norteia a escolha

das fontes, o recorte temporal e a (s) perspectiva (s) que adota para compreender o mundo. História e Literatura encontram-se nesse *intermezzo*, pois a ficção produzida pela segunda, mesmo revestida do uso tradicional do passado representando a história dos heróis, possibilita, indiretamente, a observação da mentalidade de grupos excluídos. (ABUD, 2010. P.45.).

O historiador busca indícios de verdade, buscando responder as perguntas a priori indagadas. Assim, o historiador consegue produzir conhecimento e ao produzir conhecimento a História não é mais uma “narração” do passado, mas sim uma produção científica que possui um método e um rigor científico. (FERREIRA, 2009.).

O historiador utiliza a literatura para compreender alguma coisa sobre uma época, seja elas de cunho política ou social. Para isso, torna-se importante situar o escritor em seu contexto, porque o contexto histórico da escrita literária evidencia seus valores.

A História Nova<sup>3</sup> propunha a ampliação dos documentos históricos, uma variedade de documentos não apenas escritos, mas também iconográficos. Os métodos pelos quais se deveriam criticar e analisar esses documentos viriam da interdisciplinaridade com outras correntes e leis históricas, com suas críticas aos documentos conseguindo analisar o tempo e suas transformações.

Essa ampliação dos documentos históricos e o surgimento da Literatura como fonte, se tornou possível com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique Et Sociale*, por Lucien Febvre e Marc Bloch, buscando analisar tanto o econômico quanto o social e possibilitando ao historiador investigar, com o auxílio das ciências vizinhas tanto da sociologia e da antropologia, “a história do homem no tempo”. Amplia-se assim a área de estudo da História, pois se tornou possível analisar não apenas a política, mas também a vida da sociedade.

A História sugerida pelos *Annales* propunha o rompimento com a história dos grandes feitos dos homens, da vida dos reis e dos políticos que vinham sendo estudados desde Heródoto e Tucídides.

---

<sup>3</sup>A expressão foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978), propunha a ampliação dos documentos históricos, editado por Jacques Le Goff e outros, mas já havia sido reivindicada, anteriormente, pelos fundadores do *Annales*.

Podemos considerar Lucien Febvre e Marc Bloch, como “Revolucionários franceses da Historiografia”. (BURKE, 1997.). Criada após a I Guerra Mundial, a revista dedicava-se analisar a história econômica e social. Ao longo do tempo tornou-se uma escola histórica, propunha uma história voltada para os “problemas” e que possibilitou pesquisar a história das mentalidades coletivas. Jacques Le Goff afirma que:

Mais do que nunca, os *Annales* querem ajudar a compreender. Colocar os problemas da história: “propor uma História que não seja automática, mas, sim, problemática”. E, mais do que nunca, os problemas de uma história para o tempo presente, para permitir viver e compreender “num mundo de instabilidade definitiva”. (LE GOFF, 1985. p. 140.).

Esse foi o legado dos *Annales*, incentivar os historiadores a analisar os grupos sociais, dando voz aos indivíduos para narrar sua própria história. Assim, a Antropologia auxilia o historiador a estudar a sociedade e sua vida cotidiana.

Ao analisar uma obra literária, o historiador deve observar a obra em si, quais são as contribuições que a narrativa oferece através da voz do narrador que revela seus conflitos e sonhos, mas também observar o contexto na qual esta obra foi produzida.

O uso das obras literárias pelos historiadores encontra algumas dificuldades, dentre elas, o uso de algum conceito ou alguma fonte interpretada de forma anacrônica. O historiador busca nas obras literárias as riquezas que este tipo de texto possui a escrita torna-se documento enriquecendo e qualificando as investigações do historiador. Como nos salienta Bloch. “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.” (BLOCH, apud LE GOFF, 1924. p. 107).

Outra crítica frequente quanto ao uso das obras literárias é pelo fato de serem obras de ficção. Os historiadores ao buscarem as obras literárias possuem consciência de suas características fictícias ao analisar as obras eles buscam as concepções que caracterizem os discursos sociais de determinada sociedade. (FERREIRA, 2009.).

Procuram através do corpo do texto os valores sociais porque, por mais que o escritor tente, ele não consegue deixar de apresentar as complexidades e diversidades étnicas, do imaginário histórico, dentre outros valores do período narrado. O historiador procura significados para essa realidade histórica. A história somente pode ser conhecida através de narrativas, sejam elas ficcionais ou não.

Os povos que irrompem na contemporaneidade necessitam construir sua modernidade á força, e cabe ás artes em geral, e á literatura em particular, a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades; do contrário estas correm o risco de não se nomear, de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo. Assim sendo, sua escrita - de grande densidade poética- está conscientemente ancorada na espessura antropológica e na singularidade histórica do *lugar* de onde o intelectual, o poeta, o escritor e o artista emitem a sua voz, o seu canto. (ROCHA, Enilce Albergaria. apud, GLISSANT, Édouard, 1928.).

As obras literárias contribuem com análise histórica porque os autores buscam, em algumas obras criar um passado mítico para sua nação em períodos de conflitos, principalmente em períodos pós- colonialistas, como é o caso das narrativas de Pepetela sobre Angola. Isso ocorreu no Brasil, por exemplo, quando alguns escritores buscaram nos indígenas uma forma de representação nacional. Ocorre também nos países africanos, onde escritores buscam em suas obras literárias representar a sociedade e criar um sentimento de nacionalidade. Assim a literatura pode ser caracterizada como forma de discurso social. Os romances são uma forma de reconhecimento da nação.

Através dos discursos dos romances os historiadores podem, por exemplo, encontrar características da evolução urbana das cidades bem como o cotidiano das famílias, que se tornam evidentes por meio dos discursos dos personagens. O historiador não busca analisar a estrutura interna das obras literárias como fazem os críticos literatos, ele procura entender o contexto histórico e social, tanto da obra quanto do escritor, tentando entender a concepção de passado formulado no tempo da escritura:

O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem [...] mas também no objeto de narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: no plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetal, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela. Nós adivinhamos os acentos do autor que se encontram tanto no objeto da narração como nela própria e na representação do narrador, que se revela no seu processo. Não perceber esse segundo plano intencionalmente acentuado do autor significa não compreender a obra. (BAKHTIN, 1990. apud ABUD, 2010. p.47.)

Ao revelar a vida civil e religiosa, ou seja, a vida cultural de determinada sociedade, as obras literárias contribuem também para o estudo não apenas da História, mas da sociologia e antropologia. As obras literárias em uma primeira leitura retratam apenas uma descrição do assunto narrado. Em uma análise mais profunda, os historiadores conseguem

observar a representação que o autor constrói sobre o assunto abordado. Nos romances, os autores dialogam com o “tempo presente” da época na qual acontece a narrativa, os historiadores buscam compreender as problemáticas descritas, refletindo sobre a contribuição da obra para entender a sociedade na qual ela retratava. Assim os historiadores investigam também como o autor concebia seu tempo.

A literatura possui a sensibilidade e o poder de descrever os aspectos sociais, econômicos e políticos de uma determinada época. Os estudos de obras literárias contribuem para análise da vida cultural do homem no tempo, desde o período Medieval até a Modernidade. Segundo Pesavento:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais valores que guiavam seus passos, quais preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2010. p. 82,83.).

Ao analisar a Literatura como fonte histórica, o historiador não está preocupado com o valor estético da obra, se a obra é clássica ou popular. A História se preocupa se a obra consegue retratar na ficção os sentimentos e pensamentos coletivos e subjetivos de um determinado fato ou período histórico:

O valor literário não é um valor absoluto para o historiador, no sentido de que nem só os grandes autores e as grandes obras é que podem ser tomados em consideração. Se o grande detém, como ninguém, a capacidade de estetizar, transpondo para em textos as sensibilidades de uma época, ele é, sem dúvida, um leitor privilegiado do social. Mas por outro lado, a mediocridade pode ser também reveladora e dizer, por vezes, mais do que a genialidade. Se a preocupação é capturar as sensibilidades de uma cultura popular, ver exatamente aquilo que causava emoção, era apreciado e consumido pelas camadas subalternas ou desprovidas de uma maior ilustração, a literatura de baixa qualidade, mas difundida e vendida em uma determinada época, é fundamental como sintonia a ser levada em conta. (PESAVENTO, 2010. p. 84.).

A História não julga os valores das obras literárias. Ela procura nelas um documento que auxilie os historiadores na investigação dos vestígios do homem em sua sociedade, quais eram seus valores. Assim os historiadores usam as obras literárias como

documento histórico, sejam elas clássicas ou não, mas que o auxiliem na pesquisa, expondo em suas narrativas os valores sociais e culturais de determinada sociedade. Clássicas seriam:

Aquelas obras que se impuseram no tempo por seu valor intrínseco, o que implica admitir que as apreciações de bom e ruim tornem-se inevitáveis no terreno da literatura e da arte. A despeito de terem sido louvadas ou vetadas em sua época, do maior ou menor peso das instâncias de legitimação, até mesmo das oscilações da crítica contemporânea, elas são importantes não apenas para o público leitor em geral, mas também para os historiadores. Até mesmo para aqueles que não as elejam como objeto de estudo ou que pesquisem sociedades distintas do período em que foram escritas. Simplesmente porque aguçam a imaginação e a sensibilidade, aspectos essenciais em nosso ofício. (FERREIRA, 2009. p.71.).

A História usa a literatura como fonte porque ela consegue representar a cultura de determinada sociedade. A literatura pode ser considerada uma aliada dos historiadores na busca de sua investigação histórica. Através da leitura de uma determinada obra literária o historiador consegue compreender as relações sociais, podendo ser considerada como formadora de valores, as literaturas conseguem evidenciar como são representadas socialmente as mulheres, como funcionava a política e até os conflitos e guerras. As obras literárias conseguem retratar o interior das formalidades sociais, mostrando sem restrições quais seriam realmente as convicções e valores de determinado período histórico. A literatura:

Tem o poder de materializar o perspectivismo e o relativismo dos conceitos e comportamentos humanos. É ferramenta essencial de compreensão da realidade histórica, porque traz informações de pontos de vista singulares, de grupos intelectualizados, que tem, pela natureza de sua arte, compromisso com a interpretação de aspectos sociais e individuais. (MORAES, 2004. apud ABUD, 2010. p. 55.).

Através da literatura o autor busca retratar um pouco da sociedade descrita na narrativa, com estas narrativas os historiadores conseguem analisar a sociedade e seus valores em determinado período histórico.

Entretanto para analisar Literatura como fonte o historiador precisa de um rigor crítico. Precisa confrontar essas informações com outras fontes para contextualizar a obra e assim conseguir dar significado a realidade histórica. Esse é o dever do historiador diante da fonte histórica.

Os textos literários não interessam ao historiador pelos seus conflitos internos, mas como documentos, que relatam as mentalidades de um povo, sobre a vida em sua época.

Para analisá-los o historiador deve saber formular perguntas para serem respondidas, ele precisa dramatizar as informações para não correr o risco de ser seduzido pelo romance, porque a literatura possui uma linguagem própria. Assim o historiador conseguirá observar a presença da História nas obras Literárias.

A Literatura possui uma estrutura dotada de significados, manifestando a visão de mundo dos indivíduos os quais ela retrata, sendo assim, ela pode ser considerada como portadora de características culturais e históricas de sua época

Os romances os quais analisarei no segundo capítulo, expõem sua própria visão do comportamento social, seu escritor deve ser um sujeito histórico e intelectual comprometido que consiga expressar na ficção a situação na qual a sociedade vivência, para conseguir através de suas criações literárias interferirem no meio social. O historiador ao trabalhar a literatura como fonte histórica, procura não a narrativa em si, mas como através do romance ele consegue ter acesso ao modo como àquela sociedade se comportava, quais eram seus valores culturais e suas identidades.

Podemos verificar que a aproximação entre a História e a Literatura foi importante para analisar a vida social de uma forma mais ampla, investigando desde a vida privada ao político e econômico de uma sociedade em determinado período histórico. Sendo assim consideramos a Literatura importante colaboradora do estudo histórico porque ela consegue representar os sentimentos e interesses do autor que, através dos personagens, expressam o sentimento dos indivíduos em determinadas épocas analisadas.

## 1.2 Em busca de um sentimento nacional

*A nação se impõe doravante no centro do novo direito público, sem que seja necessário ou possível defini-la. Ela se torna um símbolo coletivo de identificação após a queda do rei e assume sozinha todas as funções desenvolvidas.*  
*CLAUDE NICOLET.*

O presente trabalho tem a finalidade de fazer uma reflexão a respeito da ideia de nação a partir dos romances de Pepetela. Buscarei antes refletir o que alguns autores definem como nação.

Alguns historiadores procuraram conceituar a nação. Dentre eles o historiador Eric J. Hobsbawm<sup>4</sup>, que discute a nação e o nacionalismo. Dedicou anos de sua vida estudando o tema da nação na História Contemporânea, foi revendo o tema ao longo de suas obras. Mas em suas próprias palavras, “è um tema controverso”. Essa tentativa de estudar a nação para ele, ainda não conseguiu avançar analisando os fenômenos históricos que elas tentam dar conta. Para Hobsbawm, o sentido da palavra nação não é mais velho que o século XVIII. Apesar da literatura acadêmica sobre nação ter se multiplicado nos anos posteriores e se construído no século XIX e XX.

Afonso Carlos Marques dos Santos aponta o estudo de Hobsbawm em três etapas. Segundo ele, é possível perceber em Hobsbawm uma redefinição da cronologia do fenômeno nação:

O primeiro tempo no século XVIII, em especial a partir da conjuntura da Revolução Francesa, produzindo a idéia política da nação; o segundo tempo, o da construção do Estado-nação com a sua função de pedra angular do desenvolvimento econômico-capitalista e o terceiro tempo, o do nacionalismo que emerge com a democratização da política.

---

<sup>4</sup> Eric J. Hobsbawm foi educado em Viena, Berlim, Londres e Cambridge. Lecionou, na maior parte de sua carreira acadêmica, no Birbeck College, da Universidade de Londres. Começou muito jovem seduziu-se pelas idéias socialistas, tornando-se um marxista militante. Publicou várias obras nesta área de teoria que contribuíram com o conhecimento na Modernidade.

Este terceiro tempo correspondendo ao momento que, pela primeira vez o sentimento nacional é transformado em força política, existindo e sendo mobilizado. [...] Neste momento que a nação começa a tornar-se um problema. Este é o momento do início do verdadeiro debate sobre a nação-designadamente no movimento socialista. (SANTOS, 1950. p. 158).

Neste terceiro tempo tornava-se possível os movimentos nacionais “de baixo”, ou seja, “do povo”. O início de seu estudo sobre a nação é na Europa, com suas ideias e exemplos, analisa a Revolução Francesa e Industrial. Que para ele moldaram o rosto do mundo. Como salienta Hobsbawm:

Por esta razão as nações são do meu ponto de vista, fenômenos duais, construídos pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas. [...] O que caracterizava o povo-nação, visto de baixo, era precisamente o fato de ele representar o interesse comum contra os interesses particulares e o bem comum contra o privilégio, como na verdade é sugerido pelo termo que os americanos usaram antes de 1800 para indicar a existência de nações, embora voltassem a própria palavra. Do ponto de vista revolucionário, as diferenças étnicas grupais eram tão secundárias quanto iriam ser mais tarde para os socialistas. (HOBBSAWM, 1990. p. 19, 20, 32 e 33.).

A maioria dos estudos sobre nação e o nacionalismo procuram uma definição para o conceito “nação”, mas não consideram o fato de que a grande maioria da população de uma determinada comunidade são um dos últimos a terem um sentimento de pertença a nação, para Hobsbawm “a consciência nacional se desenvolve desigualmente entre os grupos e regiões de um país”, mas isto não significa que não se considerem como pertencentes a nação, porque os indivíduos necessitam de identidades e a nação consegue agregar sentimentos de pertencimento. Marilena Chauí define nação como:

Nação não é coisa nem idéia, não é um dado factual nem ideal, não è algo que possa ser circunscrito como um ser determinado nem como uma idéia a priori da razão - é uma pratica política e social, um conjunto de ações e de relações postas pelas falas e pelas práticas sociais, políticas e culturais

para as quais ela serve de referência empírica (o território), imaginária (a comunidade cultural e a unidade política por meio do estado) e simbólica (o campo de significações culturais constituídas pelas lutas e criações social-históricas). A nação não é: ela se faz e se desfaz. (CHAUI, 1996. P. 114).

A nação é uma forma de referencial dos indivíduos de uma determinada comunidade, mas isso não significa que ela seja a única. O ser humano precisa de um referencial que responda suas indagações (quem sou eu?), respostas que podem ser encontradas na religião, em mitos, em lendas, na filosofia e nas identidades. Mas a nação responde a todas essas perguntas por que ela consegue dar sentido a existência dos indivíduos. Contudo é muito difícil uma definição objetiva de nação, como salienta Hobsbawm:

A alternativa para uma definição objetiva de nação é uma definição subjetiva, seja ela coletiva ( seguindo a frase de Renan: “uma nação é um plebiscito diário”), seja individual, á moda austro-marxista de se considerar a “nacionalidade” como possível de aderir ás pessoas, onde elas vivessem ou com quem vivessem, sobretudo se estas decidissem exigi-la. Ambas são tentativas da compulsão do objetivismo a *priori*, adaptando, se de forma diferente em ambos os casos, a definição de “nação” a territórios nos quais as pessoas com diferentes línguas ou outros critérios “objetivos” coexistem, como se na França e no Império Habsburgo. Ambas as definições são sujeitas á objeção de que definir uma nação pela consciência que tem seus membros de a ela pertencer é tautológica e fornece apenas um guia a *posteriori* sobre o que é uma nação. Além disso, pode levar os incautos a extremos do voluntarismo para o qual tudo o que é necessário para criar ou recriar uma nação é a vontade de sê-la: se um numero suficiente de habitantes da ilha de Wight quiser ser uma nação Wightiana, lá haverá uma nação. (HOBSBAWM, 1990. p. 16,17.).

Os indivíduos sentem esse pertencimento a uma nação sem ser necessário explicá-lo. Ele é inexplicável porque age com as emoções, mas ao mesmo tempo é algo grandioso que explica a existência de uma vida, conseguindo responder as indagações dos indivíduos e de sua sociedade. A nação consegue construir importância na vida de seus indivíduos, e ao fazer isso ela consegue atribuir identidades, sentidos com os quais os indivíduos se identificam com sua comunidade. (SANTOS, 1950.).

A consolidação de uma nação é feita pelos seus indivíduos e estes por suas culturas e simbolismos. Para analisar a vida de uma comunidade, se torna necessário discutir o termo identidade, ou seja, como os indivíduos se sentem representados e como os

outros indivíduos que os cercam vêm essa representação. Nesse sentido a identidade pode ser atribuída a um pertencimento a nação, o indivíduo se sente acolhido com os demais de sua comunidade, não se sentindo isolado. Hobsbawm (1990) expõe que a nação pertence a um período particular e historicamente recente, sendo uma entidade social apenas quando relacionada a uma determinada forma de organização Estatal Moderna, o “Estado-Nação”. Para ele o nacionalismo surge antes da nação, nesse sentido são os Estados que formam as nações. As nações devem então ser analisadas em condições econômicas e políticas, dentre outras exigências. A nação nesse, sentido pode ser entendida como uma entidade sociocultural, pois buscaremos trabalhar nação no sentido de uma comunidade, cercada de valores coletivos, que foram criados historicamente. Mas concordamos com Hobsbawm, quando salienta que:

Este livro (Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade) não possui uma definição *a priori* do que constitui uma nação. Como hipótese inicial de trabalho, trataremos como nação qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros considerem-se como membros de uma “nação”. No entanto não se pode estabelecer se esse corpo de pessoas considerem-se ou não dessa maneira simplesmente consultando escritores ou porta vozes políticos de organizações que demandam o *status* de “nação” para aquele corpo. O aparecimento de um grupo de porta-vozes de alguma idéia nacional não é insignificante, mas a palavra “nação” é atualmente usada de forma tão ampla e imprecisa que o uso do vocabulário do nacionalismo pode significar, hoje, muito pouco. [...] A nação real pode ser reconhecida apenas a *posteriori*. (HOBSBAWM, 1990. P. 18).

A definição moderna de nação na qual seus indivíduos partilhem um corpo de costumes, valores e leis, vivendo na mesma sociedade por menor que ela seja, sendo unida, tendo o sentimento de pertencimento, mesmo que todos os habitantes não falem a mesma língua, será neste trabalho considerada uma nação. Recorremos novamente a Hobsbawm quando afirmar que:

As línguas nacionais são sempre, portanto, construtos semi-artificiais e, às vezes, virtualmente inventados, como o moderno hebreu. São o oposto do que a mitologia nacionalista pretende que sejam – as bases fundamentais da cultura nacional e as matrizes da mentalidade nacional. Frequentemente, essas línguas são tentativas de construir um idioma padronizado através da recombinação de uma multiplicidade de idiomas realmente falados, os quais são, assim, rebaixados a dialetos ---- e o único problema nessa construção é a escolha do dialeto que será a base da língua homogeneizada e padronizada. (HOBSBAWM, 1990. p. 70,71.).

Esses são os problemas enfrentados por Pepetela ao buscar escrever seus romances com o objetivo de conscientizar os angolanos com um sentimento de nacionalidade porque em Angola há várias etnias e muitas com línguas opostas. O próprio Hobsbawm explica esse conflito revelando que:

Todavia, dado que o dialeto que forma a base da linguagem nacional é realmente falado, não importa que aqueles que o falam sejam uma minoria, desde que sejam uma minoria de suficiente peso político. [...] A segunda razão é que uma língua comum, exatamente por não ser naturalmente gerada mas sim construída - especialmente quando é impressa-, e adquire uma nova fixidez que a faz parecer mais permanente e portanto ( por uma ilusão de ótica) mais “eterna” do que realmente é. [...] A língua cultural oficial dos dominantes e da elite freqüentemente transformou-se na língua real dos Estados modernos via educação pública e outros mecanismos administrativos. (HOBSBAWM, 1990. p. 76,77.).

A escrita ajuda a padronização de uma língua oficial porque ela consegue atingir um número cada vez maior de leitores, além disso, com a modernidade o livro e a imprensa conseguiram atingir as pessoas no conforto de seus lares. Começaram a ter acesso às informações sejam elas políticas ou como forma de entretenimento, pois, os cidadãos mesmo quando estão se divertindo estão expostos a todo tipo de informações formadoras. Em Angola a língua padronizada é o Português importada da metrópole.

Para o historiador, Benedict Anderson<sup>5</sup>, “nação foi uma invenção sem patente, e seria impossível registrá-la. Podendo ser copiada por mãos muito diversas, e às vezes inesperadas”. (ANDERSON, 2008. p. 107).

A discussão sobre o conceito de nação contribui para o entendimento de como através de sua literatura Pepetela busca a formação da nação angolana. O que procuramos nesta pesquisa é uma análise voltada para a comunidade e seus indivíduos. Anderson propõe a definição de nação a partir de um espírito antropológico, definindo nação como:

---

<sup>5</sup> Benedict Anderson nasceu em 1936, em Kunming, China, e cresceu na Califórnia. A trajetória acadêmica começa com sua formação em Cambridge. Dedicou aos estudos da política e da história da Indonésia e do Sudeste Asiático. É marxista de formação e também professor emérito da universidade de Cornell. No presente livro ele faz uma análise sobre a nação e o nacionalismo.

Uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana. [...] Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão ou nem se quer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] Imagina-se uma nação limitada porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. Nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade. [...] Imagina-se a nação soberana porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina. [...] Ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas, sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 2008. p. 32,33e34).

Estarei trabalhando com uma “comunidade” moderna, a angolana que possui uma variedade étnica. Nesse sentido, as identidades são ao mesmo tempo simbólicas e nacionais. Sendo a identidade representada como imagem de si mesmo e do outro. Castells, afirma que:

“Entende-se por identidade a fonte de significados e experiência de um povo. [...] As identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por elas originadas, e construídas por meio de um processo de individualização”. (CASTELLS, 1942. p. 22e23.).

A identidade será analisada no sentido de identificação dos indivíduos da comunidade e que impõe sentidos e valores às suas vidas. Assim, a identidade também pode ser verificada na interação que acontece entre o eu e minha comunidade. Concordando com Sandra Jatahy Pesavento, quando salienta que a elaboração identitária:

Dos mitos de origens vai ao encontro das identidades nacionais, compondo conjuntos de referência para as raízes de um povo. [...] as identidades podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe ou renda, ou ainda então profissionais. [...] A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agregam as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. (PESAVENTO, 2008. p. 91.).

Entende assim, que os indivíduos necessitam da identidade como forma de pertencimento e identificação de uma comunidade, que os diferenciem e ao mesmo tempo os identifiquem com os outros indivíduos. A identidade permite então que o indivíduo se situe em algo maior, ou seja, ele participa de uma comunidade que possui características próprias, nesse sentido, a comunidade possui suas identidades culturais.

Nesse sentido, a nação não se resume meramente a um Estado com suas políticas, mas a nação se constitui de indivíduos que possuem identidades, construídas simbolicamente, dentre elas, a língua, que pode ser em alguns momentos considerada nacional, mas são distintas de outras apenas pelo modo “caipira” da pronúncia, mesmo assim, se reconhecem como pertencentes à mesma comunidade. A língua é um símbolo nacional, algo sistematizado, fechado e abstrato. Mas lembrando sempre que nas nações modernas, principalmente nas ex- colônias a língua escrita geralmente são algo que foi importado de fora do país. Empregaremos uma descrição densa de Anderson para evidenciar como a língua não é algo Divino e tão pouco natural:

Mas foi apenas no final do século XVIII que o estudo científico comparado das línguas realmente deslanchou. Com a conquista inglesa de Bengala, surgiram as investigações pioneiras do sânscrito de William Jones (1786), que permitiram entender melhor que a civilização indiana era muito anterior à Grécia e a Judéia. Com a expedição napoleônica ao Egito, os hieróglifos foram decifrados por Jean Champollion (1835), o que pluralizou a Antiguidade extra-européia. (Hobsbawm, 1977). O progresso nos estudos semíticos acabou com a idéia de que o hebreu era a única língua antiga ou que possuía origem divina. Mas uma vez foram descobertas genealogias que só poderiam se acomodar num tempo vazio e homogêneo. “A língua, mas do que uma continuidade entre um poder externo e o falante humano, tornou-se um campo externo criado e usado mutuamente pelos usuários da língua”. ( Edward Said, 2001.) Essas descobertas levaram a filologia, com os seus estudos de gramática comparada, à classificação das línguas em famílias e à reconstrução de “protolínguas”, que o raciocínio científico tirou do esquecimento. Com razão, Hobsbawm observou que aí estava “a primeira ciência que via a evolução como seu próprio cerne”. ( Hobsbawm, The Age of Revolution, p.337.). A partir daí, as antigas línguas sagradas---- latim, o grego e o hebreu----foram obrigadas a se misturar em pé de igualdade ontológica com uma variada multidão plebéia de vernáculos rivais, num movimento que complementava sua anterior depreciação no mercado por obra do capitalismo editorial. Se agora todas as línguas tinham o mesmo estatuto (intra) mundano, em princípio, igualmente dignas de estudo e admiração. Mas de quem? Logicamente de seus novos donos, os falantes----e leitores--nativos de cada língua, pois agora nenhuma pertencia a Deus. (ANDERSON, 2008. p.111.).

Por meio de diferenças linguísticas de vários grupos sociais na História Moderna sentiu-se a necessidade da criação de uma língua padronizada que agregasse o todo, ou seja, a comunidade seria agora a totalidade apresentado-se apenas a língua oficial (embora em alguns países se tenha mais de uma língua oficial). Para Anderson com o capitalismo editorial e o jornal houve uma ampliação de uma consciência nacional, e partir daí as nações mundiais sentiram necessidade de se pensar em um “nós” coletivo, neste momento começa-se a imaginar a nação. Surgindo então um modelo, uma forma pela qual a nação poderia ser imitada, (formas modulares de nação). Mas para trabalhar com a literatura o historiador precisa estar atento. Pois:

Nesta linha que de raciocínio uma questão que se coloca para o historiador é observar quem produz uma dada linguagem, para quem produz como produz, e quem domina. Tudo isso coloca a questão da luta pelo direito a expressão e da luta dos dominados pelo direito de se apresentar na cena histórica como sujeitos. Daí decorre para o historiador a necessidade de não ver a linguagem como neutra ou “despolitizada”, mas pensada “dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória”. Pensar separadamente história linguagem levaria a situar separadamente história, linguagem, ideologia, poder, trabalho etc. ao trabalhar com outras linguagens, é preciso colocá-las como elementos constitutivos da realidade social. A identidade social não é anterior às linguagens, pois estas são partes constitutivas daquela. Isto porque, não expressam e espelham apenas expressam e espelham o social, mas a identidade social é construída também pelas linguagens. (ARAÚJO VIEIRA e CUNHA PEIXOTO, 1991. p.20)

Partindo desta perspectiva a linguagem é fundamental para compreensão de uma nação identitária angolana. Neste caso ao trabalhar com a literatura o historiador busca a inserção do autor e da obra no contexto social e histórico.

Para Anderson é com o fim das religiões dinásticas e dos reinos que a nação pode então ser refletida, é neste momento que as línguas e linhagem sagradas perdem o poder surgindo uma nova forma de convivência social, um nacionalismo. Por meio da Revolução Francesa e do surgimento de capitalismo tipográfico<sup>6</sup> permitiu que os indivíduos em números cada vez maiores comesçassem a ter uma consciência e a pensar individualmente, criando um “conceito” de nação.

---

<sup>6</sup> Conceito de Anderson, que para ele foi o que ajudou a construir aquela imagem de antiguidade tão essencial a ideia subjetiva de nação.

Sempre relacionando com as outras pessoas, tendo uma nova forma de relação, mesmo não estando perto, temos a consciência de que somos milhões, e ninguém mais duvidou da existência da nação.

A nação torna então produtora de sentidos, que é a própria identidade cultural e nacional. No século XX a nação é analisada por alguns historiadores como identitárias, ela consegue atribuir sentido a vida da comunidade. Para Anderson:

Mas seria estreiteza pensar que as comunidades imaginadas das nações teriam simplesmente surgido a partir das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, substituindo-as. Por sob o declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas estava ocorrendo uma transformação fundamental nos modos de apreender o mundo, a qual, mas do que qualquer outra coisa possibilitou “pensar” a nação. (ANDERSON, 2008. p. 51,52).

Anderson argumenta que é preciso pensar como as nações e o nacionalismo possuem uma história moderna, sendo diferente das antigas comunidades onde a religião regia a sociedade bem como os valores individuais. A história se torna lugar de estudo do sentimento do indivíduo que pertence à comunidade, que possui sua memória das experiências vividas.

Memória coletiva se tornou uma nova forma dos historiadores analisarem a sociedade, principalmente no “tempo presente”. Mas os historiadores devem problematizar a memória através de uma análise mais profunda. Jacques Le Goff, afirma que:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos\ monumentos, e aval, eco sonoro e (vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2003. P. 469.).

A memória pode então, nesse sentido ser caracterizada como identidade, seja ela individual ou coletiva. Torna-se fundamental para a vida de uma comunidade porque simboliza a tradição. Assim a memória, que pode ser muitas vezes construída, tem importância na história de uma comunidade. A Literatura cumpre um importante papel nas

formas pelas quais a memória de uma comunidade é retratada, pois ela reflete os valores sociais de determinados períodos históricos. Le Goff afirma que:

A cultura (ou mentalidade) histórica não depende apenas das relações memória-história, presente-passado. A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores. (LE GOFF, 2003.p. 52.)

A identidade de um povo está intrínseca a memória coletiva, pois ambas atribuem significados a vida e as relações dos indivíduos em sua comunidade. Através das representações os indivíduos expressam suas vivências. Nas obras Literárias principalmente no romance consegue na maioria das vezes refletirmos sobre as relações sociais, assim, torna-se uma forma de representação da nação. Recorremos mais uma vez a Anderson, quando ele expõe que:

A imagem (totalmente nova na literatura filipina) de um banquete discutido por centenas de pessoas anônimas, que não se reconhecem entre si, nos mais variados lugares de Manila, num determinado mês de uma determinada década, evoca imediatamente a comunidade imaginada. E na expressão “numa casa da rua Anloague”, que “vamos descrevê-la de uma maneira que ainda possa ser reconhecida”, quem irá reconhecê-la somos nós-leitores-filipinos. A insensível passagem dessa casa do tempo “interno”do romance para o tempo “externo” da vida cotidiana do leitor (Manila) fornece uma confirmação hipnótica da solidez de uma única comunidade, abrangendo personagens autor e leitores, e avançando no tempo do calendário.( ANDERSON, 2008. p. 58.)

Nota-se através desta afirmação que as literaturas são importantes na formação das identidades nacionais, pois, elas são lidas por um número razoável de indivíduos de uma determinada sociedade. Assim, muitas das vezes as obras literárias retratam os mitos, que fornecem uma origem fundacional para determinada comunidade. As representações

identitárias somente atribuem sentido quando são estabelecidas por um mesmo imaginário, sendo assim, o imaginário de uma comunidade pode ser caracterizada como uma construção humana. No caso da obra de Pepetela sua Literatura representa a sociedade angolana.

Contudo, sendo imaginada a nação existe quando todos os indivíduos reconhecem que possuem algo em comum, mas ao mesmo tempo distintas. Analisarei a nação não a partir dos governos políticos, mas do ponto de vista dos indivíduos que possuem suas identidades e imaginários da comunidade a qual fazem parte. Assim, escolhemos pensar a importância da construção de uma ideia da nação angolana.

## CAPÍTULO II

### NAÇÃO E IDENTIDADE: A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO ANGOLANA EM PEPETELA, (1980 a 1997).

*Na ciência, como na vida, só se acha o que se procura.*  
E. E. Evans-Pritchard.

*[...] A fronteira entre a verdade e a mentira é um caminho no deserto. Os homens dividem-se dos dois lados da fronteira. Quantos há que sabem onde se encontra esse caminho de areia no meio da areia? Existem, no entanto, e eu sou um deles.*

Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

Essa análise está centralizada em algumas obras, das várias já publicadas do escritor literário angolano Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos. Refletindo sobre a problemática da identidade nacional em Angola.

Na obra intitulada *A Geração da Utopia*, romance que começou a ser escrito em 1972 e publicado em 1994. Pepetela demonstra suas reflexões acerca da nação angolana. Seus romances no geral retratam grandes temas, buscando resgatar e criar uma identidade que aproxime os indivíduos, tentando formar uma identidade nacional angolana.

Por meio do estudo crítico das obras desse autor, verifica-se uma busca da construção de um sentimento de nação dos habitantes do Estado angolano. Tomando como referência a obra de Kwame Anthony Appiah, *Na Casa de Meu Pai: A África na filosofia da Cultura*. Partindo da idéia de que O Continente Africano não pode mais ser analisado como se fosse único, deixando as diferenças à parte, ignorando as várias etnias. Por isso, estou analisando as obras de Pepetela que mesmo escrevendo em Português, suas literaturas procuram mostrar a importância da variedade étnica para as características culturais angolanas. Como salienta Anselmo Peres Alós, com a contribuição de Jane Tutikian:

A independência atingida em 1975, assim, não significou em si a resposta para o “quem sou eu?” do povo angolano. Sabe-se que identidade nacional somente se cristaliza quando são alcançadas a

independência política e a econômica. Como a cultura autóctone foi levada ao esquecimento pelo processo colonial de superposição cultural, e o modelo português de cultura alimenta o fantasma de um novo colonialismo (desta vez cultural), o novo homem angolano sente-se órfão de pátria. É neste ponto que entra a importância de escritores comprometidos com a revisão do discurso histórico, pois como salienta Jane Tutikian, as narrativas emancipatórias nas ex-colônias portuguesas “terminaram tornando-se elementos de forte mobilização dos povos e forte forma de resistência, além de uma tentativa de fortalecimento ou de resgate das identidades locais, até porque a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade”. (ALÔS, 2009. Apud. TUTIKIAN, 2006. p. 15.).

A principal característica das literaturas africanas não é a busca por “quem sou eu?” Como, por exemplo, a europeia, mas a busca de uma identidade que defina, “quem somos nós?” Valorizando a cultura, a expressão musical, buscando revelar as mazelas de uma sociedade que sofreu a colonização e a luta por uma sobrevivência nacional, enfrentando as consequências de guerras e guerrilhas, que olhe para o passado e busque um futuro. (APPIAH, 2001). Na modernidade surge um novo conceito de identidade, a identidade cultural, que é definida por Stuart Hall, como:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazermos isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2002. P. 47.).

A nação possui várias formas de ser representada culturalmente, pode ser através de símbolos e representações diversas, vamos analisar algumas que Pepetela, revela da sociedade angolana, em sua literatura.

No romance *Lueji: o Nascimento de um Império*, escrito entre 1985 á 1988, publicado em 1989, em Angola, pela Associação dos Escritores angolanos, nota-se claramente a intenção de Pepetela em mostrar uma história mítica que originaria Angola. No interior da narrativa, seria possível notar evidências e traços de elementos que constroem a identidade: dentre elas, a memória, os mitos, o desejo de união, a etnia.

O romance narra à vida da personagem Lu, residente em Luanda, capital de Angola, a personagem faz parte de um balé sendo a bailarina principal. Que busca no mito da rainha Lueji, (mito do Império Lunda, criado pela rainha Lueji) a origem de Angola, recordando suas músicas e tradições. Os conflitos do presente da vida de Lu são resolvidos com as formas pelas quais a rainha teria resolvido no passado, pois Lu descobre que é descendente da soberana:

Ora, apesar do Lueji ser um bailado moderno a partir da dança tradicional, precisava da base clássica para dançar de pares. Aí estava o mambo e já a Diretora se arrependia da sua idéia. E Lu apertava o amuleto e invocava a centavo, ajuda-me que isto é mais difícil de tudo. (PEPETELA, 1900. P.429.).

O romance mostra duas realidades que se completam, no primeiro momento relata a criação do Império Lundo, da ancestralidade angolana. No segundo momento o presente, mostrando os conflitos da bailarina: [...] “ainda mais porque estamos no ano 2000”. (p.453). A busca de um mito para a criação de Angola é discutido no romance, evidenciando a temporalidade como afirma Anderson:

A própria possibilidade de imaginar a nação só surgiu historicamente quando [...] houve uma concepção de temporalidade em que a cosmologia e a história se confundem, e as origens do mundo e dos homens são essencialmente as mesmas. (ANDERSON, 2008. p.69.)

O romance termina com um epílogo, onde os personagens conseguem resolver seus conflitos identitários com a criação de um mito fundacional. Intrínseco com o presente o mito de Lueji, ajuda a formar uma identidade unificada, tornando possível imaginar a nação angolana.

Em *Mayombe*, escrito na cidade Cabinda em 1971 e publicado em 1978. Pepetela narra a luta pela independência através da fala dos personagens, TEORIA, MILAGRE, MUNDO NOVO, MWATIÂNWA, dentre outros, retratando os problemas étnicos. Problemas esses que são caracterizados pelos personagens como “Tribalismo”, todos são ativistas do MPLA, e em cada fala individualizada mostra os conflitos culturais e étnicos, porque cada indivíduo pertence a uma região do país. Como fica evidente quando TEORIA narra:

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem quer ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tomar-me em sim ou não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta. (PEPETELA, 2004. P.11,12.).

Com esta narrativa ficam evidentes os conflitos raciais e identitários, mas essas diferenças logo são minimizadas com a busca pela independência, onde a unidade conseguiria acabar com as diferenças. Esse romance se passa entre as guerrilhas, debatendo os desafios que surgem com a liderança do movimento, dentre eles o oportunismo, onde uns buscam se beneficiar com o movimento, benefícios que se tornam possíveis com as corrupções internas.

Mayombe mostra mais uma das intenções de Pepetela com suas literaturas que é a educação como forma de adquirir conhecimento, que seriam repassados as futuras gerações. Todas as suas obras mostram que Angola tem um passado e conseqüentemente um futuro e cabe a população não permitir que as experiências sejam esquecidas no futuro. Podemos observar no diálogo entre Mundo Novo e os outros guerrilheiros:

Nem todos, nem todos. É certo que uma pessoa que se aperfeiçoa está a pensar no seu futuro pessoal também; está a calcular que assim poderá viver melhor. Mas há aqueles que só pensam nisso e os outros, que pensam mais no bem do povo. [...] Tem –se uma idéia preconcebida do gênero humano, uma idéia otimista. Por isso, recusa-se toda a realidade que contrarie essa idéia. É o esquematismo na política. É um aspecto religioso, uma concepção religiosa da política. Infelizmente, é a maneira de pensar de muitos revolucionários. (PEPETELA, 2004. P.74.).

No plano político da narrativa evidenciam-se as diferenças pessoais e os motivos porque cada um ingressou na luta. Alguns lutam pelas ideias na qual acredita que seu país merecia lutar contra os colonizadores. Há aqueles que lutam pela sua etnia e outros que lutam apenas por interesses próprios. O que Pepetela busca nesse romance é mostrar que em nome da nação todas as diferenças devem ser abandonadas: Lutamos que era Cabinda,

morreu para salvar um Kimbundo. Sem Medo, que era Kikongo, morreu para salvar Kibundo. È uma grande lição para nós, camaradas. (PEPETELA, 2004. p.249.).

O romance termina mostrando que uns renunciam sua vida em nome de seus companheiros, que às vezes, nem são da mesma etnia, se há um sentimento que caracterize isso é a nacionalidade. Como afirma Anderson:

[...] A nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas, sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 2008. P.34.).

Nota-se nas obras de Pepetela uma concepção de valorizar as culturas antepassadas, sempre mostrando que a vida do homem precisa estar em harmonia com a natureza. Em *Mayombe*, ele dedica um capítulo com o nome de uma árvore a, “Amoreira”, que serve como desfecho para a trama. O próprio nome do livro refere-se ao verde da floresta, que serviu de abrigo contra o inimigo. Compara ainda o guerrilheiro *Sem Medo*, como um guerreiro da mitologia ancestral, o Ogun, defensor das florestas. Onde o passado e o futuro são contemplados e cabem as futuras gerações não apagar as memórias do passado, no presente, o romance mostra uma metamorfose de Angola.

O romance *Yaka*, escrito em 1983 e publicado em 1984. Essa obra foi publicada no Brasil, em Angola e Portugal. Nesta narrativa as memórias da sociedade passada se misturam com o enredo que retrata a vida de Alexandre Semedo, iniciando com sua infância. Ao mesmo tempo em que focaliza a decadência da sociedade colonial angolana. A narrativa centra-se na estátua *Yaka*, que dá nome ao romance.

Pepetela recorre à história da família Semedo, mostrando que apesar de Angola ter sido colônia não será sempre assim. Sua indicação de uma nação angolana está presente também nesta obra. Como suas obras são uma tentativa de buscar uma identidade angolana, mais uma vez Pepetela recorre à ancestralidade para mostrar que mesmo olhando e buscando a modernidade não se pode esquecer o passado e seus ensinamentos. Como salienta Anderson, usando como exemplo, o grego Adamantios Koares, em seu discurso:

“Pela primeira vez, a nação [grega] assiste ao medonho espetáculo da sua ignorância e *treme* ao medir com os olhos a distância que a separa da glória dos ancestrais”. Aqui está perfeitamente exemplificada a transição do novo

para o velho tempo. “Pela primeira vez” ainda traz os ecos das rupturas de 1776 e 1789, mas os doces olhos de Koraes estão voltados não para a frente, para o futuro de San Martín, e sim para trás, trêmulos, para glórias ancestrais.(ANDERSON, 2008. P.266.).

Em Yaka, nota-se um grande esforço de Pepetela buscando nos ancestrais um mito (o da estátua), que ao longo da narrativa descobrimos que conversa com Alexandre. Pepetela mostra as contradições existentes na sociedade, onde os conflitos étnicos são visíveis no romance. Evidencia ainda a crueldade com que os colonos destruíram os bens materiais dos negros que mesmo recebendo por seus serviços eram explorados e ainda usurparam suas terras.

Alexandre é um português de segunda, ou seja, nasceu em Angola. No período colonial, a economia girava em torno do comércio e da agricultura, Alexandre era comerciante (herdado do pai). Futuramente após a independência sua família será uma grande produtora agrícola, graças a seus empréstimos.

Outro ponto importante que Pepetela faz nesse romance é usar palavras das culturas ancestrais de Angola, valorizando as diferentes etnias, construindo assim, o sentimento nacional.

As obras literárias de Pepetela, narram um olhar crítico sobre a história de Angola. Com a finalidade de indicar uma nação, em *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*. Não é diferente, romance que começou a ser escrito em 1972 e publicado em 1997. Inicia com um prólogo, relatando a história de *Baltazar Van Dum*<sup>7</sup>, que se houver existido, Pepetela não deixa claro, porque seu objetivo nas obras não é contar a história de Angola, mas sim, mostrar indicações aos seus leitores de que a modernidade depende da tradição, ele narra a trama no século XVII, em Angola, focando de 1642 a 1648, período no qual os holandeses, durante sete anos, buscavam escravos. Passagem profetizada por Matilde, a “bruxa” da família:

Olhe, eu vou confessar uma coisa. Sei que os flamengos vão ficar aqui sete anos. Desde o dia da chegada ao da partida vão passar exactos sete anos. Vi no dia em que chegaram. Vejo isso constantemente escrito no céu. (PEPETELA, 1999.p.49.).

---

<sup>7</sup> Holandês do Sul, comerciante de escravos. Esta obra retrata o período no qual os holandeses estiveram presente na então colônia portuguesa em busca de bens materiais. Este romance retrata também como a Igreja católica foi aliada do colonizador na exploração da Colônia.

A história é contada sob o ponto de vista do escravo de Van Dum, quando não participa das ações, ele imagina e assim, Pepetela pode expressar suas visões sobre a nação angolana. Em suas obras Pepetela, busca valorizar das culturas ancestrais que usavam a oralidade como expressão de suas culturas, como reafirma o escravo:

Depois somos nós que não temos sentidos da História, só porque não sabemos escrever. Eu, pelo menos, sinto grande responsabilidade em ver e ouvir tudo para um dia poder contar, correndo as gerações, da mesma maneira que aprendi com os outros o que antes sucedeu. (PEPETELA, 1999 .p.121.).

Para indicar a insignificância que o colonizador olhava os indivíduos escravizados Pepetela nem menciona o nome desse escravizado, relata apenas que ele era filho de um sacerdote da Igreja Católica com uma negra. Seu dono o olhou apenas duas vezes durante os muitos anos em que conviveram, quando o ganhou e no momento em que o escravo chorou vendo sua terra natal destruída.

Nesse romance Pepetela discute sobre a busca pelo lucro e poder que são nesse momento centralizados nos escravizados, que eram caçados e vendidos. No mesmo plano narra à mestiçagem que ocorria entre brancos, vermelhos (os flamengos, holandeses) e negros, mostrando as mazelas não apenas a glória do passado angolano, porque uma família e uma nação precisam superar os problemas e dificuldades pra construir uma identidade e um sentimento de nacionalidade. Há em vários momentos uma avaliação da história angolana, que mistura ficção com fatos reais, o narrador às vezes, concorda, discorda, julga e elogia. Nota-se uma intenção de buscar formar uma nação angolana na versão e ideia de Pepetela. Buscando nas raízes africanas a formação da identidade nacional angolana, que se torna evidente em *A geração da utopia*, obra que considero a seguir.

No romance *A Geração da Utopia*, Pepetela, procura pensar e apresentar a história de Angola, sua diversidade étnica, e a busca pela independência. Nesta obra Pepetela, que foi militante da MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) demonstra suas reflexões acerca da nação angolana e do próprio movimento. A narrativa gira em ciclos de dez anos, que totalizam uma temporalidade de trinta anos, analisa ainda quais eram os ideais desta geração, que buscou a independência.

A Geração da utopia se divide em quatro capítulos, a primeira reflexão é sobre A casa (1961), A chana (1972), o polvo (Abril de 1982), O templo (a partir de Julho de 1991). Terminando com um Epílogo.

No primeiro capítulo, inicia com um “Portanto”, indicando que não existe um ponto final na história narrada, mas uma reflexão. A casa retrata a vida de estudantes angolanos em Lisboa, mas na casa também tinham estudantes de varias regiões da África. Os personagens principais são Sara, Malongo, Aníbal, os demais Vitor Ramos, Laurindo e Elias e Marta, dentre outros são coadjuvantes. Pepetela retrata os dilemas de cada personagem, a história gira em torno do amor e atração de Sara por Aníbal, mas que ambos disfarçam, por respeito à Malongo. No fim do enredo Sara procura Aníbal para viver esse amor.

Ao trabalhar sobre o Continente Africano, especialmente retratando o conceito de nação se torna muito complexo, o pesquisador deve estar muito atento para não correr o risco de ser preconceituoso, porque os países africanos em sua maioria possuem diferentes etnias e formas de cultura, dentre elas a língua, todas dividindo o mesmo território. No caso de Angola não é diferente, a variedade étnica existe e Pepetela tem consciência disso, em seus romances ele retrata esse problema, como afirma Appiah:

Não importa o que os africanos compartilhem, não temos uma cultura tradicional comum, línguas comuns ou um vocabulário religioso e conceitual comum. (APPIAH, 2001. p. 50).

Nos países africanos pós- coloniais os indivíduos precisaram repensar suas culturas e identidades e couberam as artes em geral esse papel, principalmente a literatura, porque o mundo julgava a África como um Continente sem história, após as guerras mundiais e a independência de muitos países africanos, o negro passou a significar alguma coisa para o mundo, surgiram muitos poetas e literários analisando sua própria história. (APPIAH, 2001). Buscando construir suas identidades nacionais, sua cultura nacional, expressada através dos símbolos e das representações, como salienta Hall:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente e seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2002. p. 50,51).

Pepetela ao recordar em suas obras literárias a luta pela independência de Angola, buscando narrar à história de uma ancestralidade angolana, está indicando uma identidade e um sentimento de nação que une os habitantes de Angola, pois, existe um Estado, mas não um sentimento de pertença à nação. Imaginando a nação, como expõe Anderson, o que diferencia as nações é o estilo pelas quais elas são imaginadas. No mundo moderno todos terão uma nacionalidade assim como possuem este ou aquele sexo.

Em seu romance *A Geração da Utopia* Pepetela retrata o início da luta pela independência, indicando os símbolos que representam o sentimento de nacionalidade, mas ao mesmo tempo ele problematiza os perigos de um nacionalismo exagerado. Logo no início da narrativa é possível observar sua intenção que é indicar um sentimento de nacionalidade angolana, ao retratar o sentimento de saudade de Sara, que sente a distância de seu país como um exílio:

[...] Essa Edéia do exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada á noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela ultima vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões que nela permaneciam, intactas, avivadas a todo momento pelos angolanos vivendo na capital do império.(PEPETELA, 2000. p. 11).

Sara ao sentir saudade de seu país começa a ver as diferenças entre Lisboa, que é vista por ela, apenas como necessária para sua formação em Medicina. A memória trás recordações que são fundamentais para a formação de um sentimento de nacionalidade. Como podemos confirmar na seguinte narrativa:

[...] O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda Angola. Cada um ficava agarrado ás suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a idéia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do kissanje com as frutas do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava as coisas o tom patinado da perfeição. (PEPETELA, 2000. p. 11).

A memória representa o sentimento de nacionalidade, ao evidenciar as semelhanças entre “eu” e o “outro” que mesmo sendo estranho na aparência física possui algo em comum com muitos que é a saudade do país de origem. Pepetela ao usar um narrador do romance, não a fala direta do personagem, destaca a importância do assunto, para isso ele

utiliza a metalinguagem<sup>8</sup>. A nação existe quando seus indivíduos mesmo não se conhecendo têm consciência da existência deles sabe que são milhões, que não precisa vê-los, mas possuem consciência de sua existência. (ANDERSON, 2008.).

Os indivíduos de uma nação adquirem identidade a partir da narrativa de uma história comum. Porque nenhuma cultura sobrevive desconhecendo suas origens ancestrais. É preciso ter uma idolatria para conseguir sobreviver na sociedade moderna, pois, um povo sem história é um povo sem vida. Mas, como são contadas as narrativas das culturas nacionais? “Hall salienta que, como observou Homi Bhabha, “as nações”, tais como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente”. (BHABHA, 1990.). Para responder as indagações de como são contadas as narrativas nacionais recorre-se a ambos, quando afirmam que:

Há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido á nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância á nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte. (HALL, 2002. p. 52. Apud. BHABHA, 1990. P. 1.).

A narrativa que atribui sentido de nação para a população angolana pode ser observada no romance *A Geração da Utopia*, quando os personagens lembravam as águas limpas cheias de peixes, com o mar incomparável, a terra cheia de morros e rochedos, as árvores com seus significados míticos que em Lisboa não tinha. A distância ajuda os indivíduos a terem uma visão completa de seu país, atribuindo sentido, que representa a identidade de ser angolano.

Ao identificar como pertencentes ao país sejam por qualquer forma de reconhecimento, ou a partir da tradição, por exemplo, as gerações deixam algumas heranças. No caso dos romances de Pepetela nota-se uma visão de continuidade, quando

---

<sup>8</sup> A metalinguagem é um recurso de composição literária que se revela nos momentos em que o narrador escolhe a técnica narrativa ou, ainda, discorre sobre a própria narrativa. (Farago, Jorge Luiz, 2011. P.14.).

ele narra à geração que ofereceria as futuras vidas ao país, tendo como herança uma ideia da nação angolana. Como salienta Gellner:

Na narrativa da cultura nacional há ênfase nas origens, na *continuidade*, na tradição e na *intemporalidade*. A identidade nacional é representada como primordial \_"está lá, na verdadeira natureza das coisas", algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser "acordada" de sua "longa, persistente e misteriosa sonolência", para reassumir sua inquebrantável existência.(HALL, 2002. P.53. apud. GELLNER, 1983. P. 48).

Como representantes da continuidade da nação angolana no romance em questão estão à filha de Sara e Malongo, Judite e as pessoas que a cercam, como narra o Sábio (que no meio da narrativa sabemos que é Aníbal, que sobreviverá durante muito tempo perdido da tropa, onde todos pensavam que ele havia falecido.) "a sua geração". Um povo sem história não poderá ter um sentimento de pertença que os vincule em união, como muitas das vezes os símbolos que representam uma identidade nacional não podem ser "lembrados", eles precisam ser narrados, satisfazendo as indagações da necessidade de uma narrativa de identidade. (ANDERSON, 2008.).

Pepetela na obra *A Geração da Utopia* argumenta sobre as dificuldades de criação dos elementos identitários nacionais, evidenciando as diferenças entre norte e sul do país. Deixa claro as profundas marcas que a cultura exterior gerou em seus indivíduos. Além da diferença entre o étnico-regionalista, mas o personagem Aníbal é aquele que busca formar uma ideia de nação. Sentimento de pertença que terá como representante a língua portuguesa, isso fica evidente no diálogo de Malongo e Elias:

Dominus não me disse que título usar, mas eu tinha de ter um. Pensei em soma, soba, muata, mufumu, que todos querem dizer chefe nas línguas de Angola. Depois virei-me para títulos de sacerdotes, Omo tahi, kilamba ou outros. Não podia ser, era sempre privilegiar uma região ou uma cultura em detrimento das outras, retirava logo o caráter nacional. Tinha de ser um título em línguas de todos, portanto em português. (PEPETELA, 2000. P.333.).

Elias queria formar uma igreja nos modelos europeus, na narrativa ele, teria sonhado que um Deus, o Dominus o teria escolhido para ser seu representante na terra, o "sacerdote". A unificação e padronização de uma língua oficial conseguem unir a população de uma comunidade. Isso não significa que seja a única falada no país. Mas consegue com a ajuda dos meios de comunicação, por exemplo, dos jornais terem cada vez

mais simpatizantes. Servindo para propagar uma consciência de nacionalidade. Como salienta Hobsbawm o que permite a unificação de uma língua:

“Todavia, dado que o dialeto que forma a base da linguagem nacional é realmente falado, não importa que aqueles que o falem sejam uma minoria, desde que sejam uma minoria de suficiente peso político. [...] A língua oficial dos dominantes e da elite frequentemente transformou-se na língua real dos Estados modernos via educação pública e outros mecanismos administrativos. (HOBSBAWM, 1990. P. 76, 77).

Como afirma Hobsbawm o que tornou possível uma unidade lingüística em diversos países do mundo foi à escrita que se tornou presente em vários meios sejam eles oficiais ou não, escritos poderia se difundir mais facilmente.

Aníbal era um dos guerrilheiros que consegue se aproximar do povo era formado em História, contrário ao favorecimento pessoal através do poder, é aquele que se afasta de todos em busca de solucionar um trauma da infância que é tentar matar um polvo que o assustará quando criança. É através da narrativa desse personagem que Pepetela faz uma crítica a sociedade:

“Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um dado momento éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefacção. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 2000. P.240.).

Essa narrativa é uma conversa com Sara que depois de trinta anos procura novamente seu amado amigo Aníbal que se encontra em uma casa perto do mar no interior do país, em Benguela. Aquele que fora um dia o Sábio Comandante de uma tropa, encontra-se desiludido com seus ideais revolucionários, era simpatizante da esquerda, acreditava que uma experiência socialista conseguiria comandar o país independente. Mas não é isso que acontece, as corrupções são inevitáveis, até mesmo no próprio grupo de guerrilheiros, onde alguns só pensam em se auto favorecer, esquecendo da população.

Antes da independência foi para a URSS, estudar para compor o exército que se formaria no país. Após 1975, quando ocorre a independência Aníbal sai do exército, recebendo uma pensão apenas para sua sobrevivência.

Sua desilusão é explicada como puramente pessoal, recorre à caça ao polvo como forma de libertação, cuidar da árvore que plantará para sua amada Mussole, que falecerá. Mas por trás dessas explicações há outra desilusão a política. É pela narrativa do personagem que Pepetela argumenta sua crítica contra o estado que se formará em Angola:

O Estado comporta-se como pai e o filho tem que lhe contar tudo, já não tem direito á privacidade. As pessoas de que falas de maneira sofismática, não são pessoas, são apenas cargos que ocupam no aparelho do Estado. Não há lugar para sentimentos, relações humanas, apenas relações de poder. Os homens deixaram de ser homens, com as suas virtudes e defeitos, são apenas cadeiras cômodas, são máquinas, parafusos, bens que se utilizam. Ou máquinas mais complexas que servem desses bens. Essas pessoas de que falas, não são pessoas, Sara, são o Estado, o sistema. (PEPETELA, 2000. P. 249.).

Como se percebe com essa narrativa nos países pós- independência o Estado se comporta como pai, a população não pode perguntar nada apenas deve obedecer. Aníbal compara o polvo que sempre o perturbará como o Estado que com os vários tentáculos que possui, persegue as pessoas. Após seu exílio e isolamento Aníbal consegue entende-lo melhor, após se livrar do trauma matando o polvo ele percebe que sua força na realidade não é tão grande o quanto parece, possui mais são estratégias eficientes e ágeis para se manter firme em ação. Como podemos observar na seguinte narrativa:

Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o mostro marinho contra o qual combatera. Retirou facilmente o arpão daquela massa mole. Com o arpão afastou os tentáculos. Da ponta dum tentáculo até o outro não teria mais que metro e meio. Voltou a sentar-se olhando para o bicho. Uma ondinha ou outra chegava até ele e fazia mover os tentáculos. Podia ser ilusão, mas o polvo mirrava com o sol a olhos vistos. Parecia uma flor murcha, num welwicha Mirabilis do deserto do Namibe. E feia, pensou ele. Nunca o devia ter tirado do seu elemento, o polvo pertence ao mar. Com o pé, empurrou- o para a água. Ficou a boiar, os tentáculos todos desengonçados, a ser debicado pelos peixes e caranguejos. Não te matei com ódio, disse para os restos do bicho. Matei-te apenas. Foi a morte que te fez mirrar, ou foram estes trinta anos que te levei a matar? Hoje não és um monstro, mas sim o cadáver dum polvinho. Tantos anos, tantos anos... (PEPETELA, 2000. P. 297, 298.).

Após trinta anos nem o polvo, nem o Estado o desconsola mais, ele pode continuar sua crítica da forma pela qual se comporta a sociedade, porque para entender a sociedade moderna se torna necessário conhecer e entender sua organização política que é representada pelo Estado (falando da sociedade capitalista).

As personagens femininas aparecem na obra em questão algumas centrais e outras coadjuvantes, mas o fio condutor das personagens é Sara uma mulher forte que sabe o que quer, luta pelos seus ideais, apesar de não ter participado da luta armada não ficou em segundo plano. Participou ativamente o quanto pode, ajudou Aníbal, mesmo que essa atitude ocasionasse o fim do seu romance com Malongo. Cuidou de sua filha sozinha, sempre teve domínio de sua vida. Discorda da desilusão de Aníbal e acredita que ambos devem continuar lutando por seus ideais. É por auxílio de Sara que o sábio analisa demonstrando a visão de que a união do país deve acontecer com a junção dos tradicionalistas e a nova geração, isso fica evidente no seguinte diálogo dos dois:

Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão de tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de suas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos. E depois admiramo-nos porque a natureza não nos segue, nos prega partidas a todos os instantes. Eles sabem isso, e dizem-nos mas como são analfabetos, o nosso preconceito emudece-os ao nosso entendimento. Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultra-liberalismo do FMI, estudamos nas melhores universidades, como nos vamos rebaixar, perder tempo, a tentar perceber o que nos ensinam? E se as coisas correm mal, como tem de correr, arranjam desculpas em fatores de fora, nunca vemos a nossa própria cegueira. (PEPETELA, 2002. P. 261, 262.).

Como podemos observar neste fragmento da narrativa do romance, Pepetela busca em seus julgamentos dos indivíduos mostrar a importância cultural dos antepassados de Angola. Argumentando que uma sociedade precisa saber apreciar os ensinamentos ancestrais, ao mesmo tempo em que busca uma modernidade aceitando novas culturas.

Essa busca de formar um sentimento de pertença às futuras gerações está presente em vários momentos nesse romance. Em debate com Judite e seu namorado mais uma vez

Pepetela utiliza a narrativa de Aníbal para mostrar que as futuras gerações devem saber aproveitar sua herança, “um estado independente”. Evidenciando que a união entre os tradicionalistas e os modernos, formaria um sentimento de pertença que evidenciaria uma nação com características de “angolaneidade”.

A tentativa de valorizar as tradições ancestrais está presente no romance *A Geração da utopia* quando Pepetela mais uma vez usa o personagem Aníbal para mostrar a importância da mitologia ancestral, quando ele planta e cuida de uma “mangueira” e conversa com ela como se fosse o espírito de sua amada Mussole. “O espírito dela está aquietado aí em cima da mangueira, veio logo que plantei a árvore. E agora manifestou a sua alegria pelo que aconteceu hoje entre nós’’. (Pepetela, 2000. P.263).

Pepetela nesta obra além de evidenciar os conflitos tribais, que tornam difícil a formação de uma identidade nacional, mostra as conseqüências de uma guerra onde a população sofre enquanto uma minoria disputa o poder e seus privilégios. Mas todas essas dificuldades não o impedem de continuar buscando uma identidade. “E, portanto a nossa cultura de origem tem uma influência, é a partir dela que inventamos as respostas que não tivemos da divindade’’. (PEPETELA, 2000. P.336.). Nota-se com esta afirmação que o teórico continua em sua busca de formar uma identidade angolana. Como salienta Hall:

A identidade é algo realmente formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade. (HALL, 2002. P. 38.).

Percebe-se que a identidade é formada culturalmente e historicamente, ela não acaba é algo contínuo, sempre que se procura ela esta viva na consciência dos indivíduos. Em algumas vezes é preciso voltar ao passado em suas glórias dos fatos ocorridos para conseguir com que as novas gerações sintam orgulho de seus ancestrais. É isso que Pepetela busca ao recordar a história da rainha Lueji, sua intenção é mostrar que o novo caminha sempre olhando para trás, para os fatos que contribuem para a formação de uma identidade nacional angolana.

O romance *A Geração da utopia* termina com um Epílogo, mas com um aviso aos leitores que uma história que se inicia com um portanto não pode ter um ponto final. Pepetela busca em seus romances formar uma consciência e uma identidade nacional,

deixando para a população sua experiência que pela sua qualidade encanta pessoas não apenas de Angola, mas do mundo.

O principal conflito de Pepetela em ambos os romances referidos é uma resistência da população de Angola em construir a nação tendo como modelo as comunidades européias. Os tradicionalistas tinham sua forma de se expressar culturalmente. Podemos observar esse conflito no seguinte trecho do romance *A Geração da Utopia*:

Elite que nunca soube aliar-se às elites rurais, tradicionais. No século passado, isso foi a causa do fracasso de diferentes tentativas de autonomização. Porque, quando o poder colonial atacava os poderes tradicionais, essa elite saudava as guerras de conquista como portadoras de progresso, porque novos territórios lhe davam mais oportunidades de negócios e de cargos administrativos, sem compreender que assim estava a enfraquecer a si própria. (PEPETELA, 2000. P. 362.).

O grande problema que podemos observar nesse diálogo era que os tradicionalistas tinham outras formas de auto-identificação social, enquanto a grande parte dos que nasceram no pós- independência precisaria formar suas identidades nacionais. Nesse sentido a nação precisaria ser imaginada e formada tendo que enfrentar todas essas dificuldades.

Apesar dos conflitos étnicos Pepetela continua em sua tentativa de formar um sentimento de nacionalidade angolana. Tentando encontrar um sentido para a vida e o mundo dos indivíduos.

## Considerações Finais

Ao longo desse estudo sobre Pepetela o principal objetivo era examinar sua literatura e compreender, a partir da documentação analisada como esse autor buscava formar uma nação e um sentimento de identidade dos indivíduos da sociedade angolana.

Acredito que consegui argumentar que antes era preciso superar os limites impostos pela cientificidade da História para aceitar que a Literatura é uma importante aliada dos historiadores. Visto que essa forma de expressão nem sempre foi considerada como documento histórico, porque ela expressa a visão individual do autor e da obra.

Em seu pensamento Pepetela mesmo tendo consciência de que formar um sentimento de pertença à nação não é fácil. Continua nesta tentativa de construir uma identidade através de suas obras literárias. Pois com a leitura de suas obras o leitor é levado inconscientemente a acreditar que é possível haver um sentimento de nacionalidade angolana.

Em seus livros analisados percebe-se que ele busca narrar por meio da relação passado e presente que existe uma ancestralidade angolana. Como pude verificar ao escrever em português Pepetela confirma a hipótese inicial de buscar formar uma nação angolana, pois, uma língua padronizada nacional consegue promover uma ideia de unidade nacional, gerando o sentimento de pertença a um país comum a todos seus habitantes.

O que pude compreender por meio da leitura de Pepetela é que sua busca pelo sentimento de pertença da população de Angola é sistemática suas obras buscam retratar para as futuras gerações um sentimento de raiz ancestral, onde ao narrar a história de um mito fundacional os indivíduos se sentem acolhidos por uma história comum. Porque os homens na modernidade precisam de uma história que explique sua existência. Essa explicação parece de início algo comum como se fosse dúvidas de criança, mas na modernidade a nação conseguiu conquistar um espaço muito importante de explicação de identidades.

Pepetela ao escrever suas literaturas cumpre o papel do narrador que deixa como herança para as futuras gerações uma versão da história de seu país, mais do que isso ele

consegue destacar a importância que este sentimento de união é capaz de gerar. Uma paixão tão forte que se permite matar o próximo em nome desse sentimento.

Portanto nota-se que é possível pensar uma nação angolana a partir das obras de Pepetela, pois a obra desse autor envolve o leitor a estabelecer uma ideia de angolaneidade dos personagens descritos. Os sentimentos de tais personagens geram no leitor a percepção de um sentimento de identidade, de pertença.

Ao analisar criticamente a obra de Pepetela, podemos verificar que ele busca formar uma identidade nacional. Uma identidade, onde busca nos ancestrais o sentimento de pertença à nação.

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Benedict Anderson; tradução. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ABUD, Kátia Maria. *Coleção ideias em Ação: ensino de história*. Editora Cengage Learning Edições LTDA, 2011.

ANSELMO, Peres Alós. 2009. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. [HTTP:// WWW.ucm.es/info/especulo/numero42/romyaka. html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero42/romyaka.html). Acesso em 02\11\2012.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução, Vera Ribeiro; revisão de tradução, Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

BURKE, Peter. *A Escola do Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. Peter Burke: tradução, Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CASTELLS, Manuel, 1942. *O poder da identidade*. Manuel Castells; tradução, Klaus Brandini Gerhardt. Editora, Paz e Terra S/A.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora brasiliense, 1996.

FERREIRA, Antonio Celso. *Literatura: a fonte fecunda*. In. *O historiador e suas fontes*. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). São Paulo: Contexto. 2009.

GLISSANT, Edouard, 1928. *Introdução a uma poética da diversidade*. Edouard Glissant; Tradução de Elnice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. 2002. DP e A editora.

HOBBSBAWM, Eric J. 1917. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade* \ Eric J. Hobsbawm; tradução, Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e Memória* \ Jcques Le Goff. Tradução, Bernardo Leitão. Campinas. São Paulo. Editora da Unicamp, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jataly. *História e História Cultural* \ Sandra Jataly Pesavento. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, da Silva, J.M. *História da Fundação do Império Brasileiro*. Rio de Janeiro, Garnier, 1864.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Nação e História: Jules Michelet e o paradigma Nacional na Historiografia do século XIX*. In. Revista de História do Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. N. 1. (1950).SP. Humanitas \ FFLCH \ SP, 1950.

#### FONTES:

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2000.

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PEPETELA. *Lueji- o nascimento de um império*, Luanda, EUA, 1989.

PEPETELA. *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEPETELA. *Yaka*. São Paulo: Àtica, 1984.

## BIBLIOGRAFIA

FREITAS, Maria Teresa de. *A História na Literatura: princípios de abordagem*. In. Revista de Historia. Publicação Semestral. N.117. ( Nova Série). Julho\dezembro. USP. São Paulo. 1984. Órgão Oficial do Departamento de Historia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural* \Lynn Hunt: tradução, Jerffeson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Le Goff, Jacques. *A história nova*. In. *Nova História em perspectiva*. Volume.1. Organização e Introdução: Fernando A. Novais e Rogério Forastiere da Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Vários, autores. 569 pp.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*\Tadeu Tomaz da Silva,(orgs). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis.R. J. Vozes, 2000.

SILVA, Helenice da. ‘Rememoração’\ *Comemoração: as utilizações sociais da memória*. In. Revista Brasileira de História. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH\ Humanitas Publicações, vol. 22. N.2002. Semestral.

SCHWARS, Roberto. *Ao vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1977.